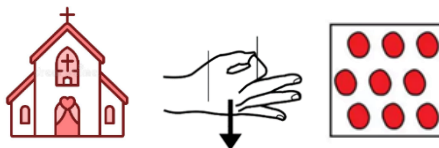


A IGREJA SOMOS TODOS



Serviço Pastoral a
Pessoas com Deficiência
Diocese do Porto



Serviço Pastoral a Pessoas com Deficiência

Pe. Fernando Silvestre Rosas Magalhães

Ana Sofia Gonçalves Teixeira

Constança Maria Silva Festas Barbosa

Joana Morais e Castro

Maria Goreti Moura Mendes Pereira Portela

Nuno Elísio da Costa Oliveira Correia

Edição

Diocese do Porto

Patrocínio

Irmandade dos Clérigos do Porto



Abraça o presente.
Juntos por um caminho novo.

Diocese do Porto 2022 | 2023

Da discriminação à igualdade – D. Manuel Linda	4
A Igreja somos Todos	7
Mensagem do Papa Francisco	9
Apresentação da Equipa da Diocese do Porto do SPPD	13
Dados do Inquérito	15
Critérios para a Inclusão	23
Acessibilidade	23
Aprender com a Deficiência	26
A Deficiência Visual	26
A Deficiência Auditiva	29
A Deficiência Intelectual	33
Perturbação Espetro do Autismo	38
Paralisia Cerebral	42
Sempre o cuidado e o serviço	47

DA DISCRIMINAÇÃO À IGUALDADE

Temos de o reconhecer: a nossa sociedade ainda vê na pessoa portadora de deficiência um ser à parte, alguém diferente da maioria e que tem de se conformar a viver como tal. Embora com notórias e assinaláveis exceções, a comunidade crente também nem sempre contribuiu profeticamente para implementar uma outra mentalidade.

Inerente à deficiência está a noção de dissemelhança, desigualdade, distinção. Gostaríamos que tudo fosse idêntico e inalterável e os seres como que espelhos uns dos outros. É que a diversidade é um desafio e os grandes desafios causam-nos arrepios e um sentido instintivo de não nos comprometermos com isso. Mas não seremos todos distintos uns dos outros? Biológica e psicologicamente não somos todos únicos e irrepetíveis? A diferença faz parte da natureza.

Afortunadamente, o crescimento sociocultural, o respeito pelos direitos humanos e a conseqüente noção de dignidade pessoal conduziram-nos a uma outra visão e tomada de consciência: a pessoa, toda a pessoa, constitui o mais nobre que existe à face da terra porque criada à imagem e semelhança de Deus, de tal forma quem nem sequer a afetação das suas características físicas ou mentais lhe belisca a tal honorabilidade constituinte. Pelo contrário, até parece que esses limites e carências constituem uma espécie de sinalética para chamar a atenção do humano que subjaz por debaixo delas. A diversidade ajuda-nos a não nos limitarmos à periferia e atingirmos o essencial.

Como não podia deixar de ser, a Igreja constitui um parceiro social que segue na linha da frente da valorização da pessoa portadora de deficiência. Por isso, acompanha, forma e incentiva estas pessoas, as suas famílias e quantos se lhes dedicam, seja na vida das Paróquias, seja em específicas estruturas sociais. E acrescenta algo de muito próprio: dedica-lhes uma particular ação pastoral que as constitui, simultaneamente, sujeitos de evangelização e agentes missionários.

Para favorecer a específica sensibilidade para com estas pessoas e para lhes conceder o justo relevo a que têm direito na Igreja, o nosso Serviço Pastoral à Pessoa com Deficiência da Diocese do Porto organizou a presente publicação cujo objetivo é sensibilizar e ajudar os atores pastorais

a aumentar o cuidado eclesial para com estas pessoas. Em última análise, estimular a comunidade diocesana acerca dos seus direitos e deveres e projetar uma pastoral inclusiva, onde ninguém se tenha por excluído e todos se sintam filhos do mesmo Deus e irmãos de todos os outros. Evidentemente, este género de pastoral tem de integrar e sustentar, também, as suas famílias com específica ajuda material, psicológica e espiritual.

Algo já se faz na integração eclesial das pessoas com deficiência. Mas muito mais há a fazer. Por exemplo, a necessidade de favorecer uma específica mentalidade e um estilo que rejeite os pré-juízos, as exclusões e as marginalizações e promova uma efetiva fraternidade que chegue ao ponto de apreciar e patrocinar o respeito pela diversidade tida como um específico e alto valor, porquanto são membros vivos do mesmo Corpo de Cristo. Até porque estas pessoas estão capacitadas para viverem uma específica e profunda relação com Deus e de O testemunharem aos outros, numa verdadeira dimensão apostólica e missionária. Como escrevia o Papa Francisco na Mensagem para o Dia Internacional da Pessoa com Deficiência de 3/12/2022, essa capacidade constitui “um verdadeiro magistério da fragilidade que, se fosse escutado, tornaria as nossas sociedades mais humanas e fraternas, induzindo cada um de nós a entender que a felicidade é pão que não se come sozinho. Quanto nos ajudaria a ter relações menos hostis com quem vive ao nosso lado e a formar a consciência de precisarmos um do outro!”.

Agradeço muito ao Serviço Pastoral à Pessoa com Deficiência mais este belo contributo para reduzir os preconceitos e integrar as fragilidades. E peço a todos os agentes de pastoral que tudo façam para que, na nossa Diocese, não mais existam acolhidos e desintegrados, desejados e tolerados, cristãos de primeira e de segunda.

+ Manuel, Bispo do Porto

A IGREJA SOMOS TODOS

O Serviço Pastoral à pessoa com Deficiência apresenta este trabalho para dar a conhecer os dados do inquérito que lançou há cerca de um ano, fazendo uma pequena análise dessa recolha, e para deixar algumas sugestões sobre as atenções a dar às pessoas com diferentes deficiências que havemos de acolher nas nossas comunidades cristãs.

É um pequeno serviço que deixamos, a exemplo do que foi feito noutras dioceses, nomeadamente na Arquidiocese de Madrid e na Diocese de Lisboa, e que pretende ser simples, objetivo e muito útil no encontro com pessoas com deficiência.

Não podemos fugir de nos encontrarmos com elas. O desconhecimento, a desvalorização pode levar-nos a atitudes de comiseração ou de receio que não são boas conselheiras quando se quer uma relação de amizade e de fé. Portanto, mais que fugir, há que aproximar, fazer pontes, construir compromissos, os mesmos que constituem as comunidades cristãs e que são essenciais para a identidade da Igreja e para o seu crescimento.

Ora, que o melhor rosto da Igreja seja o do Desfigurado na Cruz, não podemos ter dúvidas. Bem sabemos que hoje é mais fácil falar de Cristo Ressuscitado Triunfante. Infelizmente nisso investem os poucos triunfantes do mundo que cantam vitória em cada momento. Os dois rostos são verdadeiros e inseparáveis pois não se compreendem um sem o outro. Mas só a partir do Rosto Desfigurado de Cristo, do Rosto incompleto e ferido de Cristo podemos compreender e viver corretamente a Sua Vitória sobre todo o mal, sobre as deficiências e a ferida permanente do Homem.

O Papa Francisco, na Sua Mensagem para o Dia Internacional das Pessoas com Deficiência de 2022, fala do “Magistério da Fragilidade” que só as pessoas com deficiência podem exercer com autenticidade. Não é uma autoridade que se invente, não uma teologia recriada, é a Mensagem do Evangelho na Sua maior autenticidade que vem do sorriso mais brilhante que o sol, da verdade mais transparente que o vento, da entrega tão

profunda como a do Espírito Santo. Essa é a experiência que nos é dada a viver quando abrimos o coração e a vida a pessoas com deficiência. Com elas construímos uma relação tão séria e fecunda como aquela que desejamos ter com todos em Igreja. Na verdade, a Sua Fragilidade torna-se mediação para o Mestre. Esse é o testemunho de muitas famílias que acolhem pessoas com deficiência e seus acompanhantes.

Muitos passos se têm dado pela inclusão escolar, social e laboral das pessoas com deficiência, mas ainda há muito, muitíssimo, para fazer. Assim o ouvimos quando contactamos com deficiência e as associações que diariamente trabalham com elas, pois embora os relatos destas últimas sejam menores, são similares aos relatos das pessoas com deficiência.

Nas paróquias e outras estruturas pastorais da Igreja talvez não seja muito diferente. Certamente que a sensibilidade cristã nos torna mais dóceis. Mas, muitas vezes não sabemos o que fazer, o que aconselhar, como estimular a autonomia e o desenvolvimento. Mas, mais grave do que isso é dizer e pensar que haja paróquias sem deficiências. Isso é porque nós ainda não as descobrimos e, talvez, esteja na hora de ir ao seu encontro.

Finalmente, este pequeno texto pretende continuar a “profecia” das pessoas com deficiência e dos que as acompanham. Assim se referiu o Papa Francisco na Audiência que deu ao Fé e Luz a 02 de outubro de 2021. São talvez as profetas mais eloquentes, não as mais ouvidas. Mas, é próprio do Evangelho. A Igreja tem muito a aprender com elas.

A Igreja é de todos.

MENSAGEM DO SANTO PADRE

para o Dia Internacional das Pessoas com Deficiência
(3 de dezembro de 2022)

Queridos irmãos e irmãs!

Como diria o apóstolo Paulo, todos nós trazemos o tesouro da vida em vasos de barro (cf. 2 Cor 4, 7), e o Dia Internacional das Pessoas com Deficiência convida-nos a compreender que a nossa fragilidade não ofusca de modo algum «a luz do Evangelho da glória de Cristo», mas revela que «este extraordinário poder é de Deus e não é nosso» (2 Cor 4, 4.7). Pois a cada um, sem olhar a méritos nem fazer distinções, é entregue o Evangelho na sua totalidade e, com ele, a jubilosa tarefa de o anunciar. «Todos somos chamados a dar aos outros o testemunho explícito do amor salvífico do Senhor, que, sem olhar às nossas imperfeições, nos oferece a sua proximidade, a sua Palavra, a sua força, e dá sentido à nossa vida» (Francisco, *Exortação apostólica Evangelii gaudium*, 121). De facto, comunicar o Evangelho não constitui uma tarefa reservada a alguns, mas é uma exigência essencial para todo aquele que tiver experimentado o encontro e a amizade com Jesus. [Cf. FRANCISCO, *Mensagem por ocasião do Dia Internacional das Pessoas com Deficiência* (20 de novembro de 2021)].

A confiança no Senhor, a experiência da sua ternura, o conforto da sua companhia não são privilégios reservados a poucos, nem prerrogativas de quem recebeu uma esmerada e longa formação. Pelo contrário, a sua misericórdia deixa-se conhecer e encontrar de modo muito particular por quem não confia em si mesmo e sente necessidade de se abandonar ao Senhor e partilhar com os irmãos. Trata-se de uma sabedoria que cresce à medida que aumenta a consciência dos próprios limites e que nos permite apreciar ainda mais a amorosa decisão do Todo-Poderoso Se inclinar sobre a nossa fraqueza. É uma consciência que liberta do lamento triste – mesmo o mais motivado – e consente ao coração abrir-se ao louvor. A alegria que transparece no rosto de quem encontra Jesus e Lhe confia a própria

existência não é uma ilusão nem fruto duma ingenuidade, mas a irrupção da força da sua Ressurreição numa vida marcada pela fragilidade.

Trata-se de um verdadeiro magistério da fragilidade que, se fosse escutado, tornaria as nossas sociedades mais humanas e fraternas, induzindo cada um de nós a entender que a felicidade é pão que não se come sozinho. Quanto nos ajudaria a ter relações menos hostis com quem vive ao nosso lado a consciência de precisarmos um do outro! E quanto nos impeliria a buscar soluções para os conflitos insensatos, que estamos a viver, a constatação de que nem sequer os povos se salvam sozinhos!

Hoje queremos recordar o sofrimento de todas as mulheres e de todos os homens com deficiência que vivem numa situação de guerra, ou de quantos carregam uma deficiência resultante de combates. Quantas pessoas – na Ucrânia e noutros cenários de guerra – permanecem encarceradas nos locais onde se combate, sem qualquer possibilidade de fugir? É preciso prestar-lhes uma especial atenção e facilitar, de todas as formas possíveis, o seu acesso à ajuda humanitária.

O magistério da fragilidade é um carisma com o qual vós, irmãs e irmãos com deficiência, podeis enriquecer a Igreja: a vossa presença «pode ajudar a transformar as realidades em que vivemos, tornando-as mais humanas e acolhedoras. Sem vulnerabilidades, sem limites, sem obstáculos a serem superados, não haveria verdadeira humanidade». [DICASTÉRIO PARA OS LEIGOS, A FAMÍLIA E A VIDA, *A Igreja é a nossa casa – Documento resumo da Consulta Sinodal Extraordinária das pessoas com deficiência*, n. 2]. Por isso me alegro por o caminho sinodal estar a demonstrar-se ocasião propícia para, finalmente, se ouvir também a vossa voz, tendo o eco desta participação chegado ao documento preparatório para a etapa continental do Sínodo. Nele se afirma: «Numerosas sínteses assinalam a falta de estruturas e modalidades de acompanhamento apropriadas às pessoas com deficiência e apelam a novos modos para acolher o seu contributo e promover a sua participação: a despeito dos seus próprios ensinamentos, a Igreja arrisca imitar o modo como a sociedade as põe de lado. As formas de discriminação enumeradas – a falta de escuta, a violação do direito de

escolher onde e com quem viver, a negação dos Sacramentos, a acusação de bruxaria, os abusos – e outras descrevem a cultura do descarte no confronto das pessoas com deficiência. Essas [formas de discriminação] não nascem por acaso, mas têm em comum a mesma raiz: a ideia de que a vida das pessoas com deficiência valha menos que a das outras». [SÍNODO DOS BISPOS – *Assembleia sobre a Sinodalidade, Documento de Trabalho para a Etapa Continental*, 36].

Sobretudo com o seu convite para caminharmos juntos e nos escutarmos reciprocamente, o Sínodo ajuda-nos a compreender como, na Igreja (mesmo no que diz respeito à deficiência), não existe um nós e um eles, mas um único nós com Jesus Cristo no centro, onde cada qual carrega os seus próprios dons e limites. Esta consciência, fundada no facto de que todos fazemos parte da mesma humanidade vulnerável, assumida e santificada por Cristo, elimina qualquer distinção arbitrária e abre as portas à participação de cada um dos batizados na vida da Igreja. Mais ainda! Se o Sínodo for verdadeiramente inclusivo, permitirá dissipar os preconceitos mais enraizados. Com efeito, são o encontro e a fraternidade que derrubam os muros de incompreensão e vencem a discriminação; por isso espero que cada comunidade cristã se abra à presença de irmãs e irmãos com deficiência, garantindo-lhes sempre acolhimento e plena inclusão.

Ora, que se trate duma condição que tem a ver com um nós, e não com um eles, descobrimo-lo quando a deficiência, de maneira temporária ou por um processo natural de envelhecimento, se abate sobre nós próprios ou algum dos nossos entes queridos. Nesta situação, começa-se a ver a realidade com novos olhos e apercebemo-nos da necessidade de derrubar mesmo aquelas barreiras que, antes, nos pareciam insignificantes. Entretanto nada disto afeta a certeza de que nenhuma condição de deficiência – temporária, adquirida ou permanente – modifica a nossa natureza de filhos do único Pai, nem altera a nossa dignidade. O Senhor ama-nos a todos com o mesmo amor carinhoso, paterno e incondicional.

Queridos irmãos e irmãs, agradeço-vos as iniciativas com que animais este Dia Internacional em prol das Pessoa com Deficiência. Acompanho-vos com a oração. De coração vos abençoo a todos e peço, por favor, que rezeis por mim.

Roma, São João de Latrão, 3 de dezembro de 2022.

FRANCISCO



O QUE É O SERVIÇO PASTORAL A PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

O Serviço Pastoral a Pessoas com Deficiência foi criado a 10 de novembro de 2010. A 2 de fevereiro de 2022, a Diocese do Porto constituiu uma equipa no âmbito deste serviço pastoral.

Este serviço tem como missão promover a inclusão e a participação plena da pessoa com deficiência na vida da Igreja.

Ter Jesus como amigo é a maior das consolações e pode fazer de cada um de nós um discípulo agradecido, jubiloso e capaz de testemunhar que a própria fragilidade não é um obstáculo para viver e comunicar o Evangelho. (Papa Francisco Mensagem para o Dia Internacional da Pessoa com Deficiência 2021)

Esta equipa está ao dispor da diocese do Porto no sentido de ajudar as comunidades cristãs a melhor interagirem com as pessoas com deficiência e com as suas famílias. Desta forma, pretende-se apostar na sensibilização, desconstruindo-se preconceitos associados à deficiência, e ainda eliminar-se todas as barreiras.

Com esta ação a equipa do Serviço Pastoral a Pessoas com Deficiência da Diocese do Porto pretende aumentar a participação cristã das crianças e jovens com deficiência na frequência da catequese e no acesso aos Sacramentos, bem como fomentar a participação das pessoas adultas com deficiência em movimentos ou grupos de evangelização presentes nas paróquias e noutras comunidades cristãs, ajudando assim a Igreja a olhar para as pessoas com deficiência como alguém igual, íntegro, com valor e com muitas potencialidades.

Por outro lado, o Serviço Pastoral a Pessoas com Deficiência da Diocese do Porto tem como intuito convidar as pessoas com deficiência para terem uma presença mais ativa na vida da Igreja, desafiando-as a serem instrumentos de evangelização, de sensibilização e de inclusão, otimizando assim as suas potencialidades. Nesta senda, a Igreja ajudará as pessoas com

deficiência a sentirem-se melhor integradas na sociedade e na vida da Igreja, bem como a ultrapassarem as suas dificuldades.

A amizade com Jesus é indissolúvel. Nunca nos deixa, embora às vezes pareça calado. Quando precisamos d'Ele, deixa-Se encontrar por nós, e está ao nosso lado para onde quer que formos (Francisco, Exort. ap. pós-sinodal *Christus vivit*, 154).

Com a ação deste serviço Pastoral espera-se assim contribuir para a construção de uma Igreja mais inclusiva, onde todos se consigam sentir parte integrante da família de Jesus, independentemente das suas limitações. *“Quando sou fraco, então é que sou forte”* (2 Cor 12,10)

Deus não escolhe os capacitados, capacita os escolhidos. (Albert Einstein)

DADOS DO INQUERITO

Âmbito

O Serviço Diocesano Pastoral a Pessoas com Deficiência da Diocese do Porto tem como missão é promover a inclusão e participação plena da pessoa com deficiência na vida da Igreja. Para melhor conhecer a realidade e poder assim estabelecer prioridades e linhas de ação, o Serviço Pastoral a Pessoas com Deficiência desafiou os Padres da Diocese do Porto a responder a um breve questionário.

Descrição

De 6 de abril a 30 de outubro de 2022 os Padres da Diocese do Porto foram convidados a responder a um questionário sobre o tema das pessoas com deficiência nas suas paróquias e o modo como são acolhidas na comunidade.

Foram colocadas as seguintes perguntas:

1. Qual a sua vigararia?
2. Qual a sua paróquia ou paróquias?
3. Qual o seu nome?
4. Existem pessoas com deficiência e suas famílias que frequentam as celebrações e serviços na paróquia?
5. Se respondeu SIM, diga que tipo de deficiência.
6. Os grupos paroquiais incluem algumas pessoas com deficiência? Quais são esses grupos?
7. Existe na sua paróquia algum grupo que se dedique à integração das pessoas com deficiência na vida paroquial?
8. As instalações paroquiais (igreja, cartório, salão, centro pastoral...) têm barreiras arquitetónicas?
9. Considera possível fazer as adaptações necessárias?
10. Indique formas concretas de integração de pessoas com deficiência na comunidade

11. Existem instituições/associações de apoio à pessoa com deficiência na área geográfica da paróquia(s)?
12. Identifique as instituições/associações de apoio à pessoa com deficiência na área geográfica da paróquia(s)

Resultados

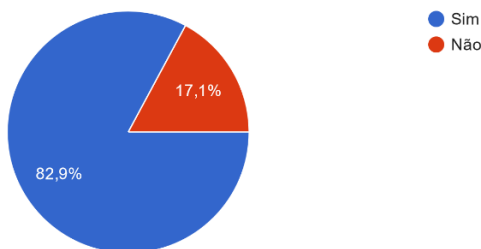
Num universo de 22 vigararias agregando 477 paróquias, foram recebidos 105 questionários válidos que constituem a base deste documento, onde apresentaremos os resultados apurados.

Sendo que alguns Párocos têm mais de uma paróquia a seu cargo, obtivemos respostas relativas a 221 paróquias, constituindo assim a nossa amostra e que representam 46,3% das paróquias da Diocese do Porto. No entanto, será considerado o número de resposta ao inquérito (105) já que foi frequente que a resposta dada por o Pároco, fosse integralmente reproduzida por ele, para as restantes paróquias que estão ao seu cuidado.

Responderam ao inquérito maioritariamente os senhores Párocos, mas também outros elementos ligados à vida paroquial, como diáconos e elementos doutras estruturas pastorais.

Foi muito expressivo o reconhecimento de que as pessoas com deficiência frequentam as celebrações e serviços pastorais com 82,9%.

Existem pessoas com deficiência e suas famílias que frequentam as celebrações e serviços na paróquia?
105 respostas

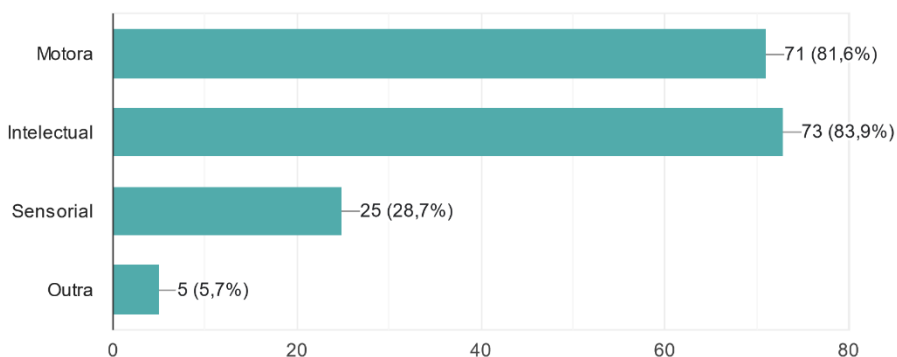


Este dado tão expressivo da presença de pessoas com deficiência na vida da Igreja, deve interpelar-nos sobre a qualidade do acolhimento e da participação que proporcionamos a estas pessoas diferentes, de modo que possam viver plenamente a sua vida cristã.

Os Párocos foram capazes de nomear os tipos de deficiência mais comuns das pessoas que frequentam as celebrações e serviços pastorais, sendo a deficiência intelectual e deficiência motora, as mais prevalentes.

Se respondeu Sim, diga que tipo de deficiência (s).

87 respostas

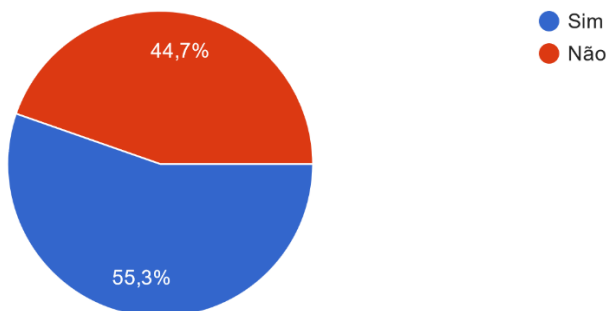


A presença tão significativa de pessoas com deficiência intelectual e motora gera desafios nos processos de acolhimento e inclusão, que devem ser bem refletidos, para que possa haver respostas concertadas e de encontro às dificuldades que podem constituir-se como barreiras absolutas. Foram ainda identificadas outras situações de diferença, tais como a doença mental e a idade avançada, por trazerem alguns desafios à integração.

O grau de participação da pessoa com deficiência nos grupos pastorais, não é ainda proporcional à sua presença nas celebrações e vida pastoral, pois ainda temos 44,7% que não participa.

Os grupos paroquiais incluem algumas pessoas com deficiência?

103 respostas

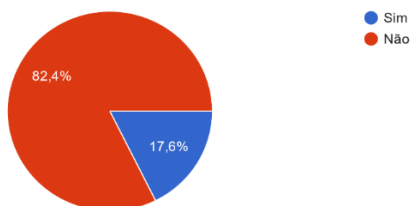


No que se refere aos grupos paroquiais que integram pessoas com deficiências, foi o grupo da Catequese o mais referenciado, com 30 respostas, logo seguido do grupo dos Acólitos com 19 respostas, Grupos corais (9) e movimento *Fé e Luz* com 7 respostas, de forma mais residual, houve referência ao grupo dos Leitores, grupo de Escuteiros, Vicentinos, Grupo de Jovens e outros grupos específicos de algumas paróquias.

Foi ainda questionado se haveria nas paróquias algum grupo que se dedicasse ao acolhimento de pessoas com deficiência, sendo que a esmagadora maioria referiu que não, apenas 17,6% dos Párocos indicaram haver grupos que se dedicavam à inclusão de pessoas com deficiência.

Existe na sua paróquia algum grupo que se dedique à inclusão das pessoas com deficiência na vida paroquial?

102 respostas

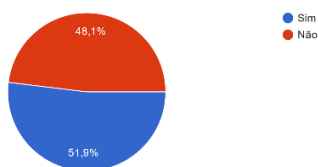


O Movimento *Fé e Luz* foi o grupo mais mencionado com 7 respostas, logo seguido dos Vicentinos com 5. Muito interessante constatar que houve

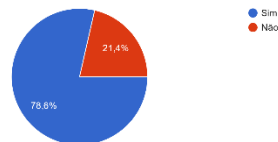
referência ao serviço da Catequese, à Pastoral da Consolação e à Fraternidade dos doentes crónicos e deficientes físicos.

A questão das barreiras arquitetónicas é uma questão sensível para as pessoas com deficiência, sendo notória a consciência que os Párocos têm sobre as barreiras arquitetónicas que existem nas suas paróquias (51,9%), mas com a possibilidade de se fazerem adaptações (78,6%) para melhor poderem acolher as pessoas com deficiência.

As instalações paroquiais (igreja, cartório, salão, centro pastoral...) têm barreiras arquitetónicas?
104 respostas



Se respondeu Sim, considera possível fazer as adaptações necessárias?
56 respostas



Foi solicitado aos Párocos que indicassem **formas concretas de inclusão de pessoas com deficiência na comunidade:**

ABERTURA:

1. Estamos a tentar a abertura de um grupo Fé e Luz.
2. Participar nas sessões.
3. Constituição de uma equipa que responda às necessidades.
4. Estarmos abertos à inclusão de todas as pessoas.
5. Movimento Fé e Luz.
6. Convidando para a Comunidade Fé e Luz.
7. Criação/Divulgação do grupo Fé e Luz.
8. Colaboração da Santa Casa da Misericórdia de Lousada e outras Autarquias.
9. Equipas de inclusão.
10. Criar grupos ou movimentos de apoio e acompanhamento.
11. Reuniões mensais em grupo, incluindo também as famílias e participação nas celebrações.
12. Campanhas de consciencialização.
13. Sensibilização e formação de grupos de acolhimento.

ACOLHIMENTO:

1. Cativá-las, valorizá-las.
2. Melhor acolhimento, organização para poder incluir e para, sobretudo, ter tempo e disponibilidade de cuidar das pessoas, particularmente mais frágeis.
3. Acolher, respeitar, integrar
4. Acolhê-los mediante as suas capacidades e potencialidades
5. Tratando-as sem distinção e enquadrando-as segundo as suas limitações.
6. Estar próximo delas e acompanhá-las sempre que necessário.
7. Há todo um mundo de oportunidades de participação que podem ser utilizadas e tão necessárias à sua integração e dinamização da vida pastoral
8. As pessoas que têm surgido são facilmente acolhidas pelas pessoas e grupos
9. Procurar inserir nas atividades de acolhimento de outros jovens e alguma atividade de utilidade para a comunidade, valorizando a sua vida.
10. Acolhimento e intervenção em festas/convívios.
11. Cada pessoa é uma pessoas e deve ser acolhida. A comunidade deve fazer todas as adaptações físicas necessárias ou de organização para as incluir. Por exemplo, temos uma Leitora cega que lê na Missa, duas senhoras com dificuldades intelectuais que são auxiliares de Catequese, um homem com alguns problemas mentais que recolhe o ofertório, um colaborador que teve um acidente e ficou paraplégico e continua como antes na vida da comunidade com as devidas alterações no acesso à igreja e centro pastoral, etc.
12. Acolhimento é fundamental, como nos acólitos e Escuteiros
13. Mais convites personalizados
14. Trabalhar diretamente com elas

INTEGRAÇÃO NOS GRUPOS PAROQUIAIS

1. Participação na Catequese, na Liturgia (Acólitos, Leitores, Grupo Coral), Acolhimento
2. Participação na recitação do Terço em Maio
3. Através de grupos de Apostolado
4. Com deficiência motora na Catequese, grupo de jovens, coro, etc.
5. Acolhimento por parte dos grupos paroquiais
6. Inserção em grupos de voluntariado
7. Na Catequese temos um catequista especializado para acompanhar os diversos grupos de Catequese que têm pessoas portadoras de deficiência
8. Promovendo o seu acolhimento nos grupos paroquiais
9. Respeitando as limitações, devem ter acesso a todos os grupos.

10. Equipes de acolhimento, acólitos, irmandades
11. Havemos de encontrar soluções para incluir nos nossos grupos paroquiais quem deles quer fazer parte, desde que tenham possibilidades para tal.
12. Dependendo do tipo de deficiência podem ser: leitores, coralistas, catequistas, visitantes de doentes. Podem colaborar no Conselho Pastoral Paroquial, etc.
13. Acompanhar famílias que participem na vida da comunidade
14. São todos tratados por igual, procura-se incluir a todos de acordo com as suas capacidades.

DERRUBAR BARREIRAS ARQUITETÓNICAS

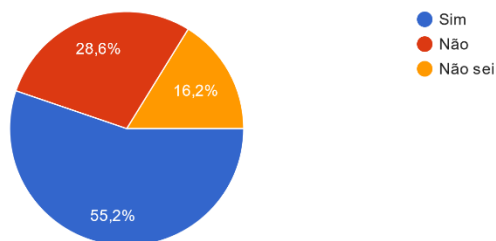
1. Adaptações arquitetónicas.
2. Fazer adaptações para não haver barreiras físicas e abrir todos os grupos a todas as pessoas.
3. Acabar definitivamente com as barreiras arquitetónicas e contratar intérpretes de LGP.
4. A leitora que se move em cadeira de rodas faz a leitura do seu lugar com o microfone sem fios.
5. Ter atenção aos itinerários que as cadeiras de rodas têm de fazer.
6. Conversão em Braille das leituras; Catequese em colaboração com a obra “Sílvia Cardoso”.
7. Rampa removível para acesso pontual.
8. Entrada fácil para cadeiras de rodas.
9. Devem criar-se condições para, por exemplo. Invisuais poderem ler em Braille, se for o caso; haver acessos para cadeiras de rodas no presbitério para o exercício dos ministérios litúrgicos. Se houver surdos na comunidade procura quem saiba fazer tradução em LGP ou, pelo menos, projetar as leituras para acompanhamento.
10. Fazer todas as adaptações necessárias.
11. Proporcionar o acesso a pessoas com mobilidade reduzida a todas as instalações paroquiais.
12. Ter atenção às acessibilidades em geral.

De modo a conhecer a comunidade mais ampla onde a paróquia se insere, foi questionado aos Párocos se sabiam da existência de instituições ou associações de apoio à pessoa com deficiência, sendo relevante o conhecimento da existência deste tipo de instituições (55,2%), com as quais

se possam criar sinergias que favoreçam a inclusão da pessoa com deficiência.

Existem instituições/associações de apoio à pessoa com deficiência na área geográfica da paróquia(s)?

105 respostas



Conclusão

Os resultados deste inquérito permitem-nos conhecer alguma da realidade da nossa diocese no que respeita à participação e inclusão da pessoa com deficiência, através do olhar dos Párocos e das dinâmicas das paróquias que administram. Foi o retrato possível, apenas 46,3% das paróquias, mas achamos oportuno pôr à reflexão de todos esta questão, a começar pela insensibilidade dos restantes 53,7 %.

Também se torna evidente que há muito a fazer e que muitos têm essa vontade de abrir as estruturas e as comunidades às pessoas com deficiência e já perceberam o quanto podem ganhar com isso.

Se há especificidades maiores em relação a algumas deficiências, para outras será muito mais fácil. É o caso das estruturas, das acessibilidades, da atenção e acompanhamento às pessoas com deficiência intelectual, a adaptação das Catequeses e a atenção dos respetivos Secretariados Diocesanos e Nacional.

É de louvar o interesse e sensibilidade que encontramos nos Párocos que contactamos. É muito promissor e fator de esperança.

CRITÉRIOS PARA A INCLUSÃO

A inclusão orienta-se por princípios fundamentais de respeito e garantia da dignidade humana da pessoa com deficiência, da sua autonomia, independência e autodeterminação, da participação em todos os domínios da vida, da promoção da igualdade e não discriminação nas suas diversas dimensões e pelo respeito pela diferença e diversidade.

Uma sociedade inclusiva plasma o acesso e exercício aos direitos e deveres de cidadania que habilitam cada pessoa na comunidade, em todos os Estados de Direito democráticos. A cidadania é exercida em igualdade, equidade e com garantia de não discriminação, permitindo a participação plena em todos os domínios da vida.

Sem garantia das acessibilidades, quer físicas quer de informação e comunicação, a participação plena fica limitada, inibindo a efetivação dos direitos e deveres de cidadania privando, assim, os contextos do crescimento em conjunto.

Acessibilidade

A promoção da acessibilidade constitui um elemento fundamental na qualidade de vida das pessoas, sendo um meio imprescindível para o exercício dos direitos que são conferidos a qualquer membro de uma sociedade democrática, contribuindo decisivamente para um maior reforço dos laços sociais, para uma maior participação cívica de todos aqueles que a integram e, conseqüentemente, para um crescente aprofundamento da solidariedade no Estado social de direito.

São assim, devidas ao Estado ações cuja finalidade seja garantir e assegurar os direitos das pessoas com necessidades especiais, ou seja, pessoas que se confrontam, diariamente, com barreiras arquitetónicas, impeditivas de uma participação cívica, ativa e integral, resultantes de fatores permanentes ou

temporários, de deficiências de ordem intelectual, emocional, sensorial, física ou comunicacional, tais como: pessoas que se movem em cadeira de rodas ou pessoas incapazes de andar ou de percorrer grandes distâncias, pessoas cegas ou surdas, etc.

Constituem, portanto, incumbências do Estado, de acordo com a Constituição da República Portuguesa, a promoção do bem-estar e qualidade de vida da população e a igualdade real e jurídico-formal entre todos os portugueses.

Nesse sentido, a lei de Bases da Prevenção, Habilitação, Reabilitação e Participação das Pessoas com Deficiência, datada de 18 de Agosto de 2004, determinou a promoção de uma sociedade para todos através da eliminação de barreiras e da adoção de medidas que visem a plena participação da pessoa com deficiência.

Por seu turno, o ordenamento jurídico português consagrou no Decreto-lei aprovado em Conselho de Ministros e promulgado pelo Exmo. Senhor Presidente da República, entrando em vigor em 18 de Agosto de 2006, o regime da acessibilidade aos edifícios e estabelecimentos que recebem público, via pública e edifícios habitacionais, tendo sido alvo de três alterações, a última das quais, efetuada em 2019 e que se mantém, atualmente, em vigor.

O supra citado Decreto-Lei, revogou o Decreto-Lei, datado de 22 de Maio de 1997, na medida em que, apesar das melhorias significativas decorrentes da introdução deste Diploma legal, a sua fraca eficácia sancionatória, que impunha, em larga medida, apenas coimas de baixo valor, fez que persistissem na sociedade portuguesa as desigualdades impostas pela existência de barreiras arquitetónicas e urbanísticas e, face ao exposto, o presente Decreto-Lei visou, numa solução de continuidade com o anterior diploma, corrigir as imperfeições nele constatadas, melhorando os mecanismos fiscalizadores, dotando-o de uma maior eficácia sancionatória, aumentando os níveis de comunicação e de responsabilização dos diversos agentes envolvidos nestes procedimentos, bem como introduzir novas

soluções, consentâneas com a evolução técnica, social e legislativa entretanto verificada.

Isto posto, sendo as Igrejas consideradas edifícios, estabelecimentos e equipamentos de utilização pública são objeto de aplicação de normas técnicas introduzidas pelo presente diploma legal, pelo que, o pedido de licenciamento para obras de construção, ampliação, reconstrução e alteração dos edifícios, estabelecimentos e equipamentos públicos, deverá ser dirigido para a respetiva Câmara Municipal acompanhado de projeto elaborado por Arquiteto devidamente certificado, a qual compete fiscalizar e emitir a respetiva licença.

Nesta senda, a Equipa do Serviço Pastoral à Pessoa com Deficiência disponibiliza aos interessados alguns Arquitetos que com a sua boa vontade colocam-se à disposição, com vista a proceder à elaboração do projeto, (contactar sppdeficiencia@gmail.com) possibilitando assim, com a eliminação de tais barreiras, o acesso de quantos desejam participar ativamente na vida da igreja, construindo uma Igreja Sinodal.



APRENDER COM A DEFICIÊNCIA

Acreditamos que a pessoa com deficiência não é um peso nem um estorvo. É uma abertura à variedade e um enriquecimento para a compreensão do que é a Vida e o Homem. Somos mais quando nos abrimos a outros modos de ser, a outras expressões, quando somos obrigados a sair do “costume” e abraçar as novidades que a deficiência nos traz.

Cada tipo de deficiência, como é óbvio, tem as suas especificidades e precisa de uma atenção diferenciada.

A DEFICIÊNCIA VISUAL

A deficiência visual (DV) é uma redução severa na visão que não pode ser corrigida com óculos, lentes de contacto ou cirurgia.

A DV pode ser congénita ou adquirida. Entende-se por doença congénita, toda aquela que é adquirida antes do nascimento ou durante o primeiro mês de vida, independentemente da sua causa. Já a doença adquirida é aquela que é fomentada no meio em que se vive.

Segundo o censo de 2021 (Instituto Nacional de Estatística, 2021), 27.659 indivíduos não conseguem ver e 9% da população tem muita dificuldade em realizar esta tarefa. Segundo os mesmos censos de 2011, a DV afeta 889578 pessoas da população adulta Portuguesa, sendo que 64.5% são do sexo feminino.

No âmbito da DV, podemos encontrar diferentes tipos de pessoas, designadamente: pessoas com um reduzido nível de visão; pessoas cegas; pessoas que utilizam apoios óticos especializados (lupas de grande potência, telelupas, monóculos e binóculos de precisão); pessoas que utilizam bengalas cuja parte inferior é de cor branca (pessoas cegas), verde

(pessoas com baixa visão), ou vermelha (pessoas surdo-cegas); pessoas acompanhadas por outras que as guiam; e pessoas acompanhadas por cães-guia.

A perda da visão é vista como a perda sensorial mais valorizada e temida, pois esta implica perder o controlo sobre o meio físico envolvente, social e económico, provocando incerteza e receio perante o futuro, propiciando elevados níveis de ansiedade e depressão.

As pessoas com DV têm mais dificuldade em realizar diversas tarefas do dia a dia (ir às compras, tirar notas, conduzir e andar na rua sozinha), em realizar atividades de lazer (ler um livro/jornal, praticar desporto ao ar livre, ir sozinha ao cinema/teatro). Por consequente, estas têm mais dificuldade em interagir com os outros, bem como, têm uma rede social pouco coesa.

Face ao exposto, compete à Igreja munir-se de estratégias de aproximação que fomentem a integração e a participação das pessoas com DV nas atividades paroquiais, no sentido de estas se sentirem parte integrante das suas comunidades paroquiais.

Ao abordar uma pessoa com DV, deve começar por perguntar que tipo de visão tem, se ela necessita de ajuda, e agir de acordo com as suas indicações.

De forma a oferecer segurança a pessoa com DV, deve oferecer-lhe o seu braço, no sentido de a poder orientar. Caso a pessoa com DV seja utilizadora de cão guia, não interaja com o cão enquanto este está a trabalhar, devendo sempre pedir-lhe permissão. De salientar que o cão guia deve permanecer sempre junto da pessoa com DV.

Ao se aproximar de uma pessoa com DV, toque-lhe no braço ou na mão, caso saiba o seu nome chame-a pelo seu nome, e identifique-se sempre, para que esta saiba com quem está a falar. Deve também informar a pessoa com DV de que se vai ausentar, garantindo desta forma que esta não fica a falar sozinha.

Dialogue com a pessoa com DV sem receio de usar expressões como «ver», «olhar», etc.



Quando estiver a dar orientações à pessoa com DV, deve orientar de forma clara e precisa, usando palavras que indiquem a direção, como «esquerda», «direita», «em frente», devendo assim evitar expressões como «aqui», «ali», «isto», «aquilo», etc.

Ao prestar apoio a uma pessoa com DV, deve acompanhá-la ao local mais adequado na igreja ou na sala onde estiver a decorrer a atividade, e indicarlhe o seu lugar, devendo colocar-lhe a sua mão sobre a cadeira/banco onde esta se vai sentar. Caso estejamos diante de uma pessoa utilizadora de cão guia, recomenda-se que esta fique sentada numa ponta, para que o cão não dificulte a circulação dos outros fiéis.

A pessoa que presta apoio à pessoa com DV deve disponibilizar-se para a acompanhar a qualquer lugar no espaço onde se encontram, descrever o espaço e o que nele ocorre da forma mais detalhada possível, e informar se a atividade já iniciou ou não, de forma à que a pessoa com DV não interrompa involuntariamente.

De igual modo, compete à paróquia o seguinte: fazer uma visita guiada pelas instalações da paróquia, indicando localizadores (móveis, portas, etc.) de forma a facilitar a orientação da pessoa com DV; facultar previamente à pessoa com DV o material (textos e letras de cânticos) no formato que lhe for mais acessível (braille, ampliado em *Arial* 14, digital, ou áudio), no sentido de esta os poder trabalhar e, desse modo, seguir a celebração/atividade; recorrer às novas tecnologias para comunicações rápidas (*WhatsApp*, correio eletrónico e redes sociais); e aproveitar as várias aplicações gratuitas para dispositivos móveis que facilitam às pessoas cegas a realização de diversas atividades da vida diária.

Moradas e Contactos de referência

	<p>ACAPO – Associação dos Cegos e Amblíopes de Portugal Delegação do Porto Rua do Bonfim n.º215 - 4300-069 Porto 225899100 porto@acapo.pt</p>
	<p>A Associação Bengala Mágica presta apoio a famílias de crianças e jovens com cegueira ou baixa visão, a profissionais e a pessoas com deficiência Visual. Promove a Inclusão da pessoa com deficiência visual na Sociedade. associacao.bengalamagica@gmail.com 969197614.</p>

A DEFICIÊNCIA AUDITIVA

A disfunção do sistema auditivo, total ou parcial, provoca uma escuta deficiente ou mesmo nula de qualquer som. Ora, a surdez está na origem da mudez. Tirando as exceções, a incapacidade de articular a fala começa na dificuldade de escutar, de distinguir os sons com clareza para os poder reproduzir.

Há diversas formas de surdez. A mais difícil de ultrapassar é a neurosensorial, cuja causa muitas vezes se desconhece e cujo tratamento não existe ou só parcialmente é bem sucedido. São os surdos que, se estivermos atentos, podemos ver em animada conversa em Língua Gestual Portuguesa.

Infelizmente, em Portugal, muito poucos portugueses sabem Língua Gestual Portuguesa (LGP), apesar de ser uma Língua oficial em Portugal,

segundo a Constituição (nº 1/97, artigo 74º, alínea h). Seria muito importante valorizar esta língua e ensiná-la desde o primeiro ciclo. Os meios de Comunicação social, nomeadamente a Televisão têm feito um esforço notável. E os políticos, não sabemos se de forma interesseira, também. Talvez fosse uma forma divertida de desenvolver capacidades motoras e mentais nos mais novos. Sim, se todos soubéssemos um pouco, a comunicação com a comunidade surda seria muito melhor. E, pelo que podemos constatar, estão ansiosos para que os possamos compreender e se façam entender...

Em Portugal, segundo o último censo, são cerca de 100.000 as pessoas com deficiência auditiva! São muitas as dificuldades que têm em todas as áreas: serviços públicos, saúde, transportes, escolas, paróquias. É claro que se podem ultrapassar, especialmente com o recurso à escrita mas, convenhamos, a comunicação fica imediatamente modificada.

É momento para perguntar onde vão à catequese, como têm acesso à Fé, onde celebram a Eucaristia e os outros sacramentos?

A comunidade surda, na Diocese do Porto não tem qualquer apoio pastoral. Infelizmente. Em tempos passados, uma igreja no Porto tinha a celebração da Eucaristia uma vez por mês com tradução em LGP. Soubemos que em Braga, na Igreja da Misericórdia (uma igreja central da cidade), há cada Domingo uma Celebração da Eucaristia com esses cuidados, assim como na Póvoa do Varzim e no Santuário de Fátima (na Basílica da Santíssima Trindade). E na internet podemos encontrar o Evangelho em LGP... Mas, na verdade, são praticamente invisíveis nas nossas paróquias. O mais fácil é dizer que não existem!

O que fazer?

É provável que comece só por cuidar de uma pessoa com esta deficiência. Persevere. Em breve, virão outras.

- Muito ajuda se tiverem um acompanhante que seja ouvinte e, de alguma forma, esteja habituado à sua linguagem.

- Nunca altere o tom de voz. Não é por falar mais alto que ela vai ouvir. Nem soletre as palavras como se faz às crianças. Fale naturalmente articulando corretamente as palavras.

- Pergunte-lhe se sabe LGP. Caso saiba é necessário um intérprete de LGP. Pode contactar a Associação de Intérpretes de LGP.

- Caso não possa avançar por esse caminho, facilite-lhe todos os textos, as orações da Missa, as Leituras, a Homilia, o Credo, a Oração Universal, a oração Eucarística, os avisos. Ela não ouve nada do que diz mas pode ler tudo o que é dito.

- Os surdos também gostam de música. Eles reconhecem os ritmos das palavras e, se ajudados, podem experimentar as ondas musicas, até nas palmas das mãos. Nesse sentido, indique-lhe os cânticos ou use um projetor que ajuda e todos e a eles também. Sim, precisa de um pequeno dossier para cada celebração!

- Devem ocupar um lugar onde possam ver toda a celebração sem obstáculos. A visão torna-se muito importante e, alguns conseguem fazer leitura labial. Mas, para isso, têm de estar posicionados frontalmente.

- Outra questão muito sensível é a questão do Sacramento da Reconciliação. Nunca minta fazendo de conta que entendeu o que o surdo transmitiu se, na verdade, não compreendeu. Isso desrespeita-o profundamente. É claro que, hoje em dia, têm de usar a escrita. E todos sabemos o quanto isso diminui a espontaneidade... Também é verdade que não podemos aceitar a celebração deste Sacramento na presença de um Intérprete de LGP. É uma das maiores dificuldades do acompanhamento espiritual dos Surdos.

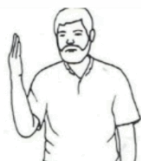
- A Catequese dos mais novos é, igualmente, algo que merece a nossa atenção. A criança surda deve ser sempre acompanhada por alguém em quem confie. Normalmente sente-se muito pouco à vontade. Se estiver a aprender LGP e puder ter um intérprete, excelente. Se não, coloca-la num local onde possa ver tudo o que se passa na sala e falar diretamente para ela com naturalidade. Muito ajudaria se o Secretariado Nacional fizesse

Catequeses curtas e bem cuidadas em LGP; quer para as crianças, quer para os adultos.

- Sugerimos que o Srº Bispo, juntamente com os Párocos do Porto seleccionassem uma Igreja central (com fácil acesso por transportes públicos) e em cada Domingo houvesse uma celebração Eucarística com todos os cuidados para a comunidade Surda, incluindo, é claro, a LGP. E suportasse os seus custos, se fosse necessário.

Desde Março, a paróquia de Fânzeres, Gondomar, proporciona no último sábado de cada mês a presença de tradução em LGP. Uma iniciativa que devia inspirar outras estruturas pastorais.

Não são muitas as sugestões. Mas se as tivermos em conta, pode ser que um dia ouçamos:



ou



Moradas e Contactos de Referência



ASSOCIAÇÃO DE SURDOS DO PORTO
Rua Dr. José Marques, 113-C.
4300-271 Porto
225102390 - Fax 225103642
asurdosporto@asurdosporto.org.pt
www.asurdosporto.org.pt
Vídeoconferência: 225103644
Telefone de Texto (TTD): 225103643

	<p>ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE SURDOS (APS) R. Professor Orlando Ribeiro, 5-B 1600-796 Lisboa +351 91 42 47 809 SMS/Videochamada apsurdos@apsurdos.org.pt</p>
	<p>ASSOCIAÇÃO DE TRADUTORES E INTERPRETES DA LGP Morada: Rua Mouzinho da Silveira, n.º 234 4050-017 PORTO (FAJDP) Tel.: 915 081 662</p>
	<p>COGNOS FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO PESSOAL Rua Engenheiro Adelino Amaro da Costa nº 15 9º andar - sala 9.2 4400-134 Vila Nova de Gaia 220 965 669 910 415 337 geral@cognos.pt</p>
	<p>INSTITUTO POLITECNICO DO PORTO Rua Dr. Roberto Frias, 712 4200-465 Porto 225 571 000 / 225 020 772 ipp@ipp.pt</p>

A DEFICIÊNCIA INTELECTUAL

A deficiência intelectual é uma condição que afeta a capacidade de uma pessoa para adquirir, compreender e utilizar informação. Isso pode incluir

dificuldades em áreas como o raciocínio, a memória, a aprendizagem, a comunicação e o pensamento abstrato. A causa da deficiência intelectual pode ser genética, ambiental ou uma combinação das duas.

A Organização Mundial de Saúde estima que existam cerca de 1.3 mil milhões de pessoas com deficiência ou incapacidade no Mundo ou seja 16% da população. Em Portugal, segundo o último censo 2021, que contempla o conceito de “incapacidade”, os números assumem esta tendência: da percentagem global de pessoas com incapacidade em Portugal, cerca de 3,4% têm incapacidades cognitivas. Apesar do conceito adotado pelo censo 2021 tornar difícil compreender totalmente a realidade, os dados mantêm a certeza que estamos a falar de uma enorme franja da sociedade.

Os estudos a nível internacional e nacional demonstram-nos que o risco de pobreza aumenta significativamente nas pessoas com deficiência intelectual e os níveis de violência e exclusão são assustadores. No fundo, arriscamos afirmar que a deficiência intelectual é a minoria mais invisível e silenciosa da nossa sociedade e a que se encontra em maior risco de vulnerabilidade.

Com efeito, no nosso país, as pessoas com deficiência intelectual enfrentam barreiras para o acesso aos serviços públicos, saúde, transportes, emprego, escolas e comunidades religiosas. Esta falta de acessibilidade, coloca as pessoas com deficiência intelectual em risco de pobreza e perpetua a exclusão social. Cabe a cada um de nós, quebrar esta realidade de exclusão.

É urgente que as pessoas com deficiência intelectual tenham acesso às mesmas oportunidades e recursos que as pessoas sem essa condição. Isso inclui o acesso aos sacramentos, a catequese e à celebração da Eucaristia. As comunidades religiosas devem alegrar-se e unir esforços para incluir essas pessoas, bem como, oferecer recursos de apoio, como por exemplo um assistente/acompanhante que possa ajudar na comunicação e participação das atividades.

O que fazer?

Para melhorar a inclusão das pessoas com deficiência intelectual, é importante implementar ações concretas. Isso pode incluir a formação de líderes (religiosos, de grupos, etc) e voluntários para melhor compreender e atender às necessidades dessas pessoas, bem como a disponibilização de recursos de comunicação acessíveis durante as celebrações da Eucaristia. Também é importante garantir que as instalações sejam acessíveis e que os materiais de estudo e catequese sejam adaptados às necessidades das pessoas com deficiência intelectual, nomeadamente com recurso à linguagem aumentativa e pictogramas. Além disso, é importante promover a sensibilização sobre a inclusão na comunidade religiosa e na sociedade como um todo.

- Aproximar-se sem medo, sabendo que não há duas pessoas iguais: promover o contacto visual, mas sem insistir.
- Tratar cada pessoa com naturalidade e afeto, interessando-se em especial pelas suas capacidades e pelas suas necessidades.
- Dirigir-se, diretamente, à pessoa com uma linguagem acessível e acolhedora. Não infantilize a forma de se dirigir aos adultos, nem fale indiretamente (ou exclusivamente) através do assistente/acompanhante.
- Compreender e respeitar o seu ritmo, que é diferente: as pessoas com deficiência intelectual podem demorar mais algum tempo a processar a informação mas, com o tempo, vai-se surpreender com as suas capacidades e contributos.
- Repetir as informações e instruções, se necessário.
- Tratar cada pessoa em função das suas capacidades, procurando que alcancem a maior autonomia possível e que participem plenamente.
- Facilitar o maior número de textos, as orações da Missa, as Leituras, a Homília, o Credo, a Oração Universal, a oração Eucarística, os avisos. Se estes materiais estiverem já adaptados à linguagem aumentativa e/ou uso

de pictogramas, poderá mostrá-los e ser uma oportunidade para estabelecer comunicação.

- A música é um canal de proximidade. Mas pergunte antes se a pessoa gosta ou quer participar durante a celebração. Pode ser importante associar gestos às músicas e a preparação ser efetuada com antecedência. Nesse sentido, indique-lhe os cânticos ou use um gravador para os reproduzir, que ajuda. Realizar uma gravação e disponibilizar para as pessoas irem treinando em casa, pode ser uma boa ideia para a memorização da música.

- Outra questão muito sensível é a questão do Sacramento da Reconciliação: não minta fazendo de conta que entendeu o que a pessoa transmitiu se, na verdade, não compreendeu. Reformule a frase e repita até confirmar o que a pessoa pretende transmitir. Procure outros meios: tecnologia, pictogramas, imagens, etc. para criar diálogo. Dê tempo. Mesmo no silêncio, a escuta é possível e as pessoas com deficiência intelectual têm poucos espaços onde sejam escutadas com segurança.




- A Catequese dos mais novos é, igualmente, algo que merece a nossa atenção. As crianças com deficiência intelectual, podem ter algumas características e comportamentos diferentes da maioria, importa por isso preparar os catequistas para tal. Na formação dos catequistas, recomenda-se um módulo específico sobre a deficiência intelectual com acesso a recursos de informação e materiais. Convém atender que as crianças são naturalmente inclusivas, mas, muitas vezes, precisam de compreender e ter espaço para realizarem questões quando têm algum colega com deficiência: os catequistas devem estar atentos e esclarecer as dúvidas que possam surgir a qualquer criança. Quanto mais transparência e espaço de verdade houver na catequese, mais inclusiva será, sempre. Os Pais/irmãos/família/acompanhantes/assistentes podem ter um papel importante neste acolhimento ao colocarem-se disponíveis para as questões e assim facilitarem o acolhimento e encontro.

- As pessoas com deficiência intelectual não devem ser apenas “acolhidas” pela igreja, mas antes serem parte integrante e coração da mesma. Para

isso, é altura de se criar oportunidades para as pessoas com deficiência terem cargos de participação efetiva e liderança, como por exemplo, criar oportunidades para serem catequistas, líderes de grupos, acólitos, membros dos órgãos sociais das respostas sociais sobre alçada da paróquia, etc.

- papel da Eucaristia na vida das pessoas com deficiência intelectual é crucial. A celebração da Eucaristia é um momento de comunhão com Deus e com os outros membros da comunidade religiosa. É um momento de reflexão, oração e renovação espiritual. Tornar essa comunhão acessível permitirá que as pessoas com deficiência intelectual sintam que pertencem e a comunidade, em geral, ficará mais enriquecida. Está na hora de olharmos para as pessoas com deficiência intelectual com dignidade e entender tudo aquilo que podem contribuir para a Igreja, de todos. Olhar para cada pessoa a partir das suas capacidades e não das suas incapacidades.

Moradas e Contactos de Referência

	<p>A AJUDE é uma IPSS que acolhe jovens deficientes mentais, ligeiros e moderados, proporcionando-lhes, além dum ambiente familiar, todos os meios que lhes possibilitem desenvolver e, acima de tudo, ter a Felicidade a que inegavelmente têm direito como cidadãos integrais.</p> <p>http://www.aajude.pt/</p>
	<p>HUMANITAS – Federação Portuguesa para a Deficiência Mental</p> <p>É uma federação constituída por Instituições Particulares de Solidariedade Social (IPSS) que desenvolvem a sua ação no âmbito da habilitação e integração da Pessoa com Deficiência Intelectual..</p> <p>Praça de Londres, 9 – 4º Esq. 1000-192 Lisboa 21 8453510 email: humanitas@humanitas.org.pt</p>
	<p>Associação do Porto de Paralisia Cerebral</p> <p>A Associação do Porto de Paralisia Cerebral é parceira empenhada das pessoas com paralisia cerebral ou com situações neurológicas afins, e outras pessoas em situação de vulnerabilidade bem como das suas famílias, na orientação e no apoio necessário para a sua integração plena enquanto</p>

	<p>cidadãos, encarando-os como os agentes efetivos da mudança.</p> <p>http://www.appc.pt/</p>
	<p>A Associação Portuguesa de Pais e Amigos do Cidadão Deficiente Mental (APPACDM) do Porto</p> <p>é uma Instituição Particular de Solidariedade Social sem fins lucrativos, tendo como objetivo último a Integração e Normalização do Cidadão Deficiente Mental</p> <p>http://www.appacdmporto.com/</p>
	<p>Associação Lavrense de Apoio ao Diminuído Intelectual</p> <p>A sua intervenção está direcionada para acolher nas respostas sociais de Lar Residencial e Centro de Atividades Ocupacionais pessoas portadoras de incapacidade intelectual com idade igual ou superior a 16 anos.</p> <p>Avenida D. Pedro IV, 420 4455-184 Lavra - Portugal Tel: (+351) 22 996 6673 Tlm: (+351) 96 121 84 45 geral@aladi.pt</p>
	<p>Fenacerci, Federação Nacional das Cooperativas de Solidariedade Social</p> <p>É a estrutura representativa das cooperativas deste sector e tem por missão fundamental promover a criação de condições que pela via do reforço das organizações associadas, defendam os interesses e direitos das pessoas com deficiência intelectual e suas famílias.</p> <p>Rua Augusto Macedo, 2 - A • 1600-794 Lisboa Lisboa telefone: (+351) 217 112 580 fax: (+351) 217 112 581 www.fenacerci.pt</p>

PERTURBAÇÃO DO ESPETRO DO AUTISMO

A Perturbação do Espectro do Autismo (PEA) é uma perturbação do neurodesenvolvimento. A designação de espectro foi atribuída pela

variabilidade dos sintomas, desde as formas mais leves até às formas mais graves.

O autismo manifesta-se habitualmente nos primeiros 3 anos de vida, particularmente na faixa etária dos 15 meses aos 3 anos, altura em que é esperada uma grande evolução nas competências de comunicação das crianças.

A dificuldade em descodificar as ações e o pensamento do outro, o atraso na linguagem, a necessidade de estimulação sensorial ou hipersensibilidade a determinados estímulos (ex: estímulos sonoros), podem associar-se a birras frequentes e difíceis de acalmar, agressividade ou comportamentos estranhos para as outras pessoas.

Os interesses específicos podem determinar que a criança se destaque em competências específicas, acima do esperado para a sua idade (ex: conhecer todas as marcas de automóveis, ou números e letras precocemente). Contudo, nas situações de PEA, existem outras competências importantes que podem ficar comprometidas, principalmente do ponto de vista social.

Questões sensoriais

As pessoas com autismo podem experimentar excesso ou falta de sensibilidade a sons, ao toque, ao paladar, a cheiros, luz, cores, temperaturas ou dor. Elas podem, por exemplo, fixar-se num som, que as outras pessoas ignoram ou bloqueiam, e que para elas é insuportavelmente alto ou perturbador. Além de extrema ansiedade, isto pode causar mesmo dor física. Podem também ficar fascinados por luzes ou por fazer rodar ou alinhar objetos, entre outras coisas. As questões sensoriais também incluem a noção interna do corpo, noção do seu próprio corpo no espaço, equilíbrio, etc.

Interação social

As pessoas com autismo podem ter dificuldade em “ler” outras pessoas – reconhecer ou compreender sentimentos e intenções dos outros – assim

como expressar as suas próprias emoções. Isso pode fazer com que “navegar” pelo mundo social seja muito difícil para elas, podendo parecer ser insensíveis e solitárias.

Podem não procurar ajuda junto de pessoas próximas e parecer comportar-se de uma forma “socialmente desadequada”. Podem querer interagir com outras pessoas e fazer amigos, mas ter, normalmente, dificuldades na abordagem e na manutenção da amizade – nestas situações, o estigma da sociedade também não ajuda.

Interesses altamente focados

Muitas delas têm interesses intensos e altamente focados, muitas vezes a partir de uma idade bastante jovem. Estes interesses podem mudar ao longo do tempo ou manter-se ao longo da vida. Os interesses podem, às vezes, ser bastante incomuns.

Muitas canalizam o seu interesse para o estudo, para o trabalho, para o voluntariado, ou para outras ocupações significativas.

Comunicação verbal e não-verbal

As pessoas com autismo podem ter dificuldades para interpretar linguagem verbal e não-verbal, como gestos ou inflexões na voz. Muitas têm uma compreensão literal da linguagem e tudo que ouvem é interpretado como verdade absoluta. Para as pessoas com PEA pode ser difícil usar ou compreender expressões faciais, tom de voz, piadas e sarcasmos.

Algumas pessoas podem não falar, ou podem ter um discurso limitado e podem ter dificuldades com a imprecisão ou com conceitos abstratos. Por vezes, usam meios alternativos de comunicação, como a linguagem gestual ou símbolos visuais.

Muitas têm um vocabulário rico e conseguem expressar-se por frases, mas podem ter dificuldade para entender as expectativas dos outros durante as conversas, acabando por repetir o que a outra pessoa acabou de dizer (ecolália) ou falando sem parar sobre os seus próprios interesses. Podem

ter dificuldades em perceber os ciclos de conversação ou como iniciar uma conversa.

Muitas vezes ajuda se falamos de uma forma clara, consistente e se lhes dermos tempo para processarem o que foi dito e para formularem a sua resposta.

Comportamento repetitivo e rotinas

O mundo pode ser um lugar muito imprevisível e confuso para as pessoas com autismo, por isso é que muitas vezes preferem ter uma rotina diária de modo a que consigam prever o que vai acontecer todos os dias. Podem querer ir sempre pelo mesmo caminho para a escola/trabalho; sentar-se sempre no mesmo local no autocarro ou local de almoço, ou comer exatamente a mesma comida às refeições.

As pessoas com autismo podem não se sentir confortáveis com as mudanças, mas podem aprender a lidar melhor com as alterações, melhorando a sua flexibilidade.

Muitas vezes, apresentam comportamentos repetitivos que ajudam na sua autorregulação emocional/sensorial. Da mesma maneira que outra pessoa clica vezes sem fim numa caneta, mexe no cabelo ou abana a perna, a pessoa com autismo pode exibir comportamentos repetitivos como abanar as mãos, balancear-se, fazer determinado som, mexer em determinado objeto – o importante é sabermos que isto ajuda no seu bem-estar e equilíbrio.

Não há uma “cura” para o autismo. No entanto, há uma série de estratégias e abordagens – métodos que viabilizam a aprendizagem e o desenvolvimento – e que os pais, profissionais e outros cuidadores podem encontrar para ajudar no seu desenvolvimento, diminuindo as suas dificuldades e promovendo o seu potencial e inclusão.

(adaptado de “Vencer Autismo” - <https://vencerautismo.org/autismo/>)

PARALISIA CEREBRAL

A Paralisia Cerebral (PC) descreve um grupo de perturbações permanentes do desenvolvimento do movimento e da postura, causando limitação da atividade, que são atribuídas a lesões não progressivas que ocorreram no desenvolvimento do cérebro fetal ou infantil.

Como resultado dessa lesão as pessoas com PC têm alteração de movimento e postura. Podem, muitas vezes, apresentar alterações sensoriais (por ex: visão, audição, etc.), de percepção (forma como interpretam as sensações), na cognição, comunicação e comportamento. Podem ainda ter dificuldades na fala e movimentos corporais involuntários, rigidez muscular ou falta de força muscular. Algumas pessoas com PC correm sem qualquer tipo de dificuldade, outras podem ter mobilidade reduzida, ou então estarem totalmente dependentes de cadeiras de rodas ou de outro tipo de suporte e/ou de terceiros para as suas atividades.

Estas alterações motoras podem ser mais visíveis na marcha, mas também podem afetar os membros superiores, condicionando a pessoa nas atividades mais simples como vestir/despirm, cortar os alimentos ou retirar moedas de um porta-moedas, por exemplo. Certas pessoas podem ter algum nível de incapacidade intelectual, mas outras têm as suas funções intelectuais intactas. Algumas podem ter dificuldades no controlo dos músculos faciais, não tendo controlo nas expressões faciais que demonstram.

Pode-se ter dúvidas sobre as capacidades da pessoa com PC e a tendência pode ser “diminuí-las” com base na aparência. Ou, pelo contrário, não valorizar as suas dificuldades e achar que a pessoa está apenas a demorar mais tempo por “preguiça” ou mesmo achar que é propositado. Algumas têm uma deficiência muito visível, noutras pode ser quase impercetível. Assim, as pessoas com PC podem ser muito diferentes entre si. Esta é a deficiência mais comum da primeira infância e que perdura até à idade adulta, ou seja, ao longo de toda a vida.

Qual a melhor atitude?

Fale sempre diretamente para a pessoa com deficiência, não para o seu acompanhante. Fale com ela como falaria com qualquer outra pessoa. Se se trata de um adulto, não tente ser carinhoso (usando diminutivos) nem ser engraçado, forçando uma familiaridade que não tem. Por exemplo – “Veio passear e aproveitar o solinho? Que lindo!” – NÃO é a forma adequada para se dirigir a um adulto que acabou de conhecer. É natural sentir curiosidade em relação à diferença. No entanto tenha presente que deve procurar respeitar a privacidade da pessoa com deficiência... Por exemplo, perguntando se a pessoa é “assim” por doença ou por acidente pode trazer memórias dolorosas ou fazer sentir que está a ser “reduzido” à sua deficiência.

Ofereça ajuda apenas se a pessoa precisar e, se quiser ajudar, pergunte como (antes de agir). É normal querer ajudar a pessoa com deficiência. Contudo não é porque tem vontade de ajudar que o outro precisa da sua ajuda. Por vezes um contacto muito repentino pode até atrapalhar e provocar um acidente. Se o local é acessível, os adultos com deficiência normalmente conseguem fazer por si. E querem ser tratados como pessoas independentes. Não toque ou se debruce sobre uma cadeira de rodas. Quando necessitam usar algum produto de apoio para se deslocarem (ex.: muletas, andador, cadeira de rodas) ou para comunicarem (ex.: quadro de comunicação manual; telefone, tablet ou computador com software específico), consideram estes equipamentos como uma extensão de si. São parte do seu espaço pessoal. Cuidado antes de lhe tocar pois pode causar desequilíbrio ou, até, prejudicar o seu funcionamento. Apesar de ajudar ser a sua intenção...

Não julgue a pessoa com deficiência pela sua aparência e não a prive de qualquer participação em nenhuma atividade, presumindo que não é capaz. Por vezes assumimos que não convidar a pessoa a participar é uma forma de a proteger de se confrontar com as suas limitações. Mas tal está errado. Deve, sempre, perguntar. As pessoas com deficiência são as melhores a julgar o que podem e não podem fazer. E se não puderem, pelo menos não

se vão sentir excluídos ou indesejados. Pode ainda ser uma oportunidade de refletir sobre se, por exemplo, não estará na altura de providenciar algumas adaptações ao espaço para o tornar mais inclusivo.

Utilizadores de Cadeiras de Rodas

A principal dificuldade dos utilizadores de cadeiras de rodas são, no geral, as barreiras físicas. Apesar de a lei prever acessibilidade de todos os edifícios públicos, os edifícios anteriores a esta lei não estão obrigados a adaptações e, por vezes, os posteriores não foram construídos em observância desta imposição legislativa. Degraus, escadas, elevadores avariados, rampas com demasiada inclinação, espaços estreitos, entre outros, são muitas vezes barreiras à participação nos mais diversos locais. As pessoas utilizadoras de cadeiras de rodas têm diferentes dificuldades e várias (in)capacidades. Algumas conseguem conduzir a sua própria cadeira, conseguem transferir-se para outra cadeira e/ou mesmo caminhar pequenas distâncias. Outras são totalmente dependentes de terceiros para se deslocarem.

- Não empurre ou desloque a pessoa na cadeira de rodas sem o consentimento do seu utilizador. Se ajudar a cadeira a descer do passeio sem aguardar por instruções do utilizador corre o risco de o derrubar. A pega e o repousa-pés da cadeira podem sair ou partir (se a tentar levantar por aí).
- Mantenha as rampas e as portas adaptadas destrancadas e desbloqueadas.
- Quando falar com uma pessoa numa cadeira de rodas, pegue numa cadeira e sente-se ao seu nível. Se tal não for possível mantenha uma certa distância para que consiga manter contacto ocular consigo, sem causar um esforço acrescido. Se o balcão do seu local de atendimento for muito alto para uma pessoa que utiliza cadeira de rodas, dê a volta ao balcão para prestar o seu serviço e facilitar a comunicação.

- Se o seu serviço tiver mais do que um caminho para chegar ao mesmo local, garanta que está devidamente sinalizado aquele que tenha menos barreiras para uma cadeira de rodas.

- Se possível adapte o seu serviço e/ou espaço para o usufruto pleno da pessoa com deficiência.

- A pessoa com deficiência necessita recorrer aos serviços e comércio da comunidade. Quando se sente bem acolhida é provável que se sinta confortável a sugerir algumas alterações que lhe facilitem o acesso.

Relativamente às pessoas com mobilidade reduzida, aplica-se o mesmo princípio da pessoa que utiliza cadeira de rodas: ofereça ajuda e pergunte como poderá ajudar. Uma pessoa com paralisia cerebral, ainda que visivelmente não aparente, pode ter dificuldades em andar longas distâncias ou caminhos mais inclinados. Nem sempre a mobilidade reduzida é visível.

- Não agarre nos braços, puxe ou empurre, ainda que ao de leve, pois pode desequilibrar a pessoa.

- Uma pessoa com dificuldades de mobilidade pode-se encostar à porta para a abrir. Não a abra repentinamente pois pode causar uma queda.

- Se é condutor, tente certificar-se que a pessoa com mobilidade reduzida está em segurança e não avance na sua direção antes de ela chegar ao passeio. Nestes casos a probabilidade de queda é substancialmente superior. Nos transportes públicos as pessoas com mobilidade reduzida necessitam de mais tempo para chegar ao lugar em segurança.

Garanta que o chão molhado está devidamente sinalizado e que os pisos escorregadios estão equipados com antiderrapante.

- Pergunte, antes de assumir que a pessoa está a usurpar um lugar sinalizado como sendo prioritário. Se vir uma pessoa sentada num desses lugares, ela pode ter uma condição ou deficiência que lhe permita usufruir do mesmo. Lembre-se, sempre, de não julgar pela aparência.

Atitudes para Pessoas com Dificuldades na Fala




Se a pessoa apresentar alguma dificuldade na articulação de palavras ou na fluidez de discurso:

- Dê-lhe total atenção quando fala com ela;
- Não interrompa ou termine frases por ela;
- Lembre-se que um ambiente silencioso ajuda à comunicação;
- Não troce ou ria da pessoa;
- Se tiver dificuldade em perceber a mensagem, peça para repetir e vá dizendo o que está a perceber para evitar mal-entendidos e dar motivação à pessoa para continuar. A maioria das vezes a pessoa não se importa e agradece o seu esforço em ouvir o que ela tem a dizer.

Se a pessoa apresentar um discurso impercetível, isto é, não se conseguir fazer entender através da fala, deverá estar acompanhada do seu sistema aumentativo e/ou alternativo à comunicação – de modo a facilitar a transmissão da mensagem. Os sistemas alternativos à comunicação podem ser eletrónicos ou manuais. Um exemplo de um dispositivo manual é um quadro de comunicação com letras, símbolos ou fotografias. O utilizador poderá apontar para um espaço que tem uma letra, um símbolo, uma imagem ou foto; ou pedir a sua colaboração para esse efeito. Procure ser paciente e seguir as pistas não-verbais que lhe são dadas, frequentemente através do olhar e com vocalizações. Os dispositivos eletrónicos podem estar num telemóvel, num computador ou num tablet. Normalmente têm saída de voz sintetizada e poderá ficar, ou não, a frase exposta no monitor.

(adaptado de Guia Eliminar Barreiras Mudar Atitudes –
Associação Porto Paralisia Cerebral)

Moradas e Contactos de Referência

 <p>ELIMINAR BARREIRAS MUDAR ATITUDES</p> <p>associação do porto de paralisia cerebral</p>	<p>A Associação Portuguesa de Paralisia Cerebral – APPC</p> <p>Em 1975 é criado o Centro de Reabilitação de Paralisia Cerebral do Porto. Desenvolve a sua ação de uma forma abrangente, procurando diversificar tanto quanto possível a resposta a qualquer que seja a faixa etária da população com deficiência.</p> <p>Rua Delfim Maia, 276 4200-253 Porto T. 225 573 790 - direcaoporto@appc.pt</p>
 <p>VENCER AUTISMO</p>	<p>Vencer Autismo</p> <p>O grande desafio está na sociedade (pais, educadores, profissionais da saúde...) que geralmente não compreende o que é o autismo, não sabe como lidar e desenvolve medos e estigmas em relação a esta condição. A Vencer Autismo hoje tem como missão reduzir o estigma negativo do autismo, para que seja compreendido e aceite por todos.</p> <p>Rua de Serralves 578 1º Dto. 4150-703 Porto Tel. +351 22 0931390 - info@vencerautismo.org</p>
 <p>APPDA norte</p>	<p>APPDA - Norte Associação Portuguesa para as Perturbações do Desenvolvimento e Autismo</p> <p>Todo o cidadão tem o direito a usufruir do sistema regular de ensino, mas existem casos específicos que justificam outro tipo de atendimento.</p> <p>Rua D. Carlos I, 110 - 4430-258 Vila Nova de Gaia 227169550; 964230042 – geral@appda-norte.org.pt</p>

SEMPRE O CUIDADO E O SERVIÇO

Procuramos simplesmente ser um contributo e um lugar de reflexão sobre o lugar e a importância das pessoas com deficiência no nosso tempo, especialmente nas comunidades cristãs. O nosso objetivo é sensibilizar os que ainda não sentiram a necessidade de inclusão e animar aqueles que já

despertaram para este problema e querem avançar nesse caminho tão necessário e urgente.

O acolhimento das pessoas com deficiência é uma riqueza para a igreja e um sinal do Evangelho; tem, em si mesmo, grande capacidade evangelizadora porque encontramos na diferença, especialmente na diferença que diminui capacidades, outras forças e outras expressões, mais simples e, por isso, mais verdadeiras, da Fé e da presença de Deus.

Se Eu, o Senhor e o Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns aos outros (Jo 13,14) É o mandamento do serviço e do cuidado de uns com os outros, a começar pelos que mais cuidados nos pedem e merecem.

O cuidado uns pelos outros é um dever de todos e sinónimo de comunidade, da igreja que somos uns com os outros e todos para com os outros, mesmo para os que não partilham a nossa fé. O cuidado uns pelos outros é a grandeza de quem descobriu a alegria do serviço, que se faz grande vergando-se aos pés dos que andam por caminhos mais difíceis. Não podemos ter dúvidas, cuidar de pessoas com deficiência é um serviço redobrado, é uma responsabilidade maior e um compromisso permanente com o amor, o mesmo que *lava os pés*.

Talvez em nenhum tempo, o nosso tempo seja de defesa das minorias. Algumas estão muito na moda, têm *lobbies* muito influentes e estão sempre na ribalta. Pois, é tempo de dar lugar a essas imensas minorias que são as pessoas com deficiência. Aqui fica o nosso contributo.

Mas o que há de louco no mundo é que Deus escolheu para confundir os sábios; e o que há de fraco no mundo é que Deus escolheu para confundir o que é forte. O que o mundo considera vil e desprezível é que Deus escolheu; escolheu os que nada são, para reduzir a nada aqueles que são alguma coisa. (1Cor 1, 27-28)

